

MINISTÉRIO DA CULTURA, INSTITUTO VINI JR. E PRIO APRESENTAM:

MANUAL DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

INSTITUTO
vinijr





MANUAL DE
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

M261 Manual de educação antirracista Instituto Vini Jr.
1.ed. [livro eletrônico] / organizador Victor Ladeira.
1.ed. - Rio de Janeiro : Editora Kazoolu, 2023.
PDF

ISBN

1. Antirracista. 2. Consciência negra.
3. Educação. 4. Racismo. 5. Relações étnico-
raciais. 6 Sociologia educacional.

11-2023/64

CDD 306.4309

Índice para catálogo sistemático:

1. Relações étnico-raciais : Sociologia educacional
306.4309

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

EXPEDIENTE

ALLAN PEVIRGULADEZ

COORDENAÇÃO TÉCNICA - PESQUISA E REDAÇÃO

ANA CARVALHAL

LUCIANA DE REZENDES

MICHELLE ARRUDA

PESQUISA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

VICTOR OLIVEIRA

PROJETO EDITORIAL

TATIANA CARDOSO DE SOUZA - PROFESSORA DA ESCOLA
MUNICIPAL CANTOR E COMPOSITOR GONZAGUINHA,
NO RIO DE JANEIRO/RJ

MARIANA CARLOS ALVES - PROFESSORA DA ESCOLA
MUNICIPAL VISCONDE DE SEPETIBA, EM SÃO GONÇALO/RJ

GERÊNCIA DE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS DA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO
CONTRIBUIÇÃO TÉCNICA

GUILHERME NASCIMENTO

PROJETO GRÁFICO, DESIGN E ILUSTRAÇÃO



INSTITUTO VINI JR

VINICIUS JOSÉ PAIXÃO DE OLIVEIRA
PRESIDENTE

VICTOR OLIVEIRA
DIRETOR EXECUTIVO

KAROL VASCONCELOS
DIRETORA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	07
SOBRE O AUTOR.....	08
O INSTITUTO VINI JR.....	09
A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS.....	10
A SOLIDÃO DA CRIANÇA NEGRA NO AMBIENTE ESCOLAR.....	14
AS SUTILEZAS DO RACISMO RECREATIVO NA ESCOLA.....	18
O CABELO COMO SÍMBOLO DE EMPODERAMENTO DENTRO DO UNIVERSO ESCOLAR.....	22
COMO O RACISMO RELIGIOSO AFETA A SAÚDE MENTAL DE UMA CRIANÇA NEGRA.....	26
A VISIBILIDADE QUE NÃO É PODER: O RACISMO QUE NOS ATRAVESSA INDEPENDENTE DE QUEM SOMOS.....	30
A BRANQUITUDE E O PERCURSO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	34
RAÇA E GÊNERO: O ESPAÇO DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	38
COMO A ESCOLA DEVE AGIR EM CASOS DE RACISMO?.....	42
COMO SER UM EDUCADOR ANTIRRACISTA NA PRÁTICA.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54



APRESENTAÇÃO

Luiza Mahin, Maria Felipa, Luís Gama, Abdias do Nascimento, Carolina de Jesus e tantos outros ancestrais que lutaram no passado por uma vida melhor e uma nova forma de conviver, sem espaço para o racismo e suas mazelas, devem sentir-se honrados pela atual luta antirracista no Brasil. Isso não quer dizer que o racismo é assunto encerrado ou está erradicado do nosso meio, pelo contrário, ainda há muito a ser feito, porém, nunca anteriormente esse debate teve tanta força e repercussão na sociedade brasileira, assim como não houve outro momento em que tantas ações afirmativas de combate ao racismo se colocassem na linha de frente das metodologias de ensino e das práticas de formação continuada de instituições privadas, governos e redes escolares em geral, proporcionando uma maior fomentação do tema.

É em cima dessa perspectiva que apresentamos a vocês a nossa contribuição neste processo. O Manual de Educação Antirracista do Instituto Vini Jr. é uma proposta de letramento racial que surgiu a partir de oficinas realizadas em escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, entre março e novembro de 2023.

O objetivo desse manual é servir como mais um instrumento pedagógico aos professores, pedagogos e gestores da comunidade escolar, para que os mesmos possam ampliar seu repertório de mundo no que tange a temática da educação antirracista.

Nosso Manual pretende auxiliar os profissionais da educação a identificar com maior nitidez situações recorrentes de racismo no ambiente escolar, que muitas vezes, se tornaram cotidianas ou parte de um comportamento cultural do povo brasileiro, que transfere desde cedo aos seus filhos essa conduta preconceituosa, fazendo com que, já na infância, essas crianças

reproduzam e incorporem na sua construção social tais violências de caráter racista.

Estancar essa característica da formação do nosso educando o quanto antes é fundamental para a construção de uma escola com equidade, sem qualquer fragmento de racismo. Ser propositivo e oferecer ferramentas para a construção de novas relações pessoais entre os alunos também é a intenção deste manual, assim como configurar um novo entendimento da diversidade étnica desse país.

A lei 10.639/03 completou 20 anos recentemente, mas ainda é um abismo para muitos educadores brasileiros. Isso se dá porque grande parte desses profissionais não foram socializados com este fundamento, em que a educação antirracista se configure como mais um conteúdo a ser estudado durante o seu curso de formação específico, muito menos receberam uma formação continuada para essa área de conhecimento. É recente o movimento que alguns governos têm feito na promoção e difusão de projetos antirracistas em seus espaços e aparelhos públicos, no entanto, ainda há um longo caminho a percorrer dentro dessa construção a fim de vislumbrarmos cidades antirracistas por todo país.

Embora haja muito a ser feito, não é nenhum absurdo projetar que as ações afirmativas realizadas hoje pelos movimentos sociais na luta antirracista neste país fazem com que as próximas gerações tenham relações de convivência mais leves e menos traumáticas, pois muitas cicatrizes já terão sido estancadas, não se tornando entraves no desenvolvimento de um novo amanhã, calcado no afeto, respeito e na diversidade. É isso, esse é o princípio.

1 - A lei 10.639/03 foi criada em 2003 com o objetivo de levar para as salas de aula conteúdos sobre a cultura afro-brasileira e africana. Ela muda a proposta de ensino sobre a contribuição do negro na formação da sociedade brasileira, tirando-o da mera condição de escravizado e afirmando-lhe influência direta em hábitos, costumes, cultura e credos do povo brasileiro.

SOBRE O AUTOR

Allan de Souza Santos Pereira, ou Allan Pevirguladez, nasceu em Duque de Caxias, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, em 1981. É pós-graduado em Literatura Portuguesa e atua há mais de 16 anos como professor de Língua Portuguesa na rede pública. É, antes de tudo, um apaixonado pela escrita e pela arte de criar. Foi a partir dessa paixão que se fez professor, mas também se fez compositor, produtor cultural e artista. Sua performance como educador está intrinsecamente atrelada a sua concepção artística, o que o faz educar seus alunos sempre pela ótica do empoderamento, do lúdico e do antirracismo.

Tem dois discos de rap lançados, mas hoje, a partir do seu trabalho de literatura na infância com crianças da educação infantil, criou o seu maior projeto dentro da educação, a MPBIA (Música Popular Brasileira Infantil Antirracista), que surgiu quando compôs a canção O Meu Cabelo é Bem Bonito, um fenômeno das redes sociais, que viralizou no Brasil e em outros países, como Moçambique, Itália e Portugal, influenciando teses de mestrado, pedagogos, professores, psicólogos e pediatras. Está a frente da O Meu Cabelo é Bem Bonito Tour, uma série de apresentações musicais gratuitas nas escolas públicas do Rio de Janeiro, e atua como consultor antirracista do Instituto Vini Jr.

[instagram.com/pevirguladez_](https://www.instagram.com/pevirguladez_)

[Instagram.com/m.p.b.i.a](https://www.instagram.com/m.p.b.i.a)



O INSTITUTO VINI JR.

O Instituto Vini Jr. é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, cuja proposta de valor se ampara no Artigo 205 da Constituição Federal de 1988, que reconhece a educação como direito de todas e todos e dever do Estado e da família, sendo promovida e incentivada com a colaboração da sociedade.

Temos como missão apoiar as escolas públicas brasileiras na construção de novos modelos de ensino-aprendizagem, utilizando a tecnologia como ferramenta e o esporte como linguagem, a fim de aumentar a confiança dos professores, tornar a escola um lugar atrativo para os educandos e valorizar as potências e interesses das novas gerações.

Queremos reduzir as desigualdades no sistema educacional brasileiro e, para tanto, atuamos em parceria com as escolas públicas, inspirando e desenvolvendo novas práticas pedagógicas que valorizem as experiências, histórias e repertórios culturais de cada criança, respeitando suas individualidades e visões de mundo e construindo, assim, autonomia para o desenvolvimento.

Acreditamos que Inovação social pressupõe Diversidade e Colaboração; A Educação é a base de uma sociedade justa e igualitária; a Tecnologia, se bem utilizada, conecta e transforma; o Esporte tem o poder de mudar o mundo; e, principalmente, que nada é ou será capaz de substituir a importância das professoras na sala de aula.

SAIBA MAIS EM:

 institutovinijr.org.br

 [instagram.com/institutovinijr](https://www.instagram.com/institutovinijr)

 twitter.com/institutovinijr

 [facebook.com/institutovinijr](https://www.facebook.com/institutovinijr)

 [tiktok.com/@institutovinijr](https://www.tiktok.com/@institutovinijr)





01

A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

*"A escola sozinha, efetivamente, ela não consegue reverter as situações de racismo, mas sem a escola é impossível que isso aconteça."*²

Rosa Margarida de Carvalho Rocha

A luta antirracista não é uma novidade em nosso país. Ela acontece desde quando o primeiro africano escravizado aqui chegou. No entanto, passado quase quinhentos anos, possivelmente estejamos vivenciando o momento mais consistente desse movimento, que embora não derrame tanto sangue como no passado na busca por direitos e respeito, ainda luta afim de não vitimizar mais a cada 23 minutos o assassinato de um jovem negro neste país, um reflexo explícito do racismo estrutural e de uma herança escravocrata que teima em persistir e se adaptar às mudanças que a sociedade brasileira vem realizando ao longo do tempo no que concerne ao assunto.

Nos últimos anos, algumas conquistas significativas no campo da educação têm sido fundamentais para garantir uma nova formação ao educando brasileiro, com vistas a desconstruir uma ideia ultrapassada e eurocêntrica de ensino, propondo um novo olhar sobre os povos indígenas e africanos desde a chegada dos portugueses por essas terras. As leis 10.639/03 e 11.645/08³ significaram um marco histórico dentro da nossa legislação, pois propiciou aos gestores e educadores uma indicação legal para trabalhar as questões étnico-raciais de forma decolonial, sem mais se ater aquela didática que tratava negros e indígenas de forma pontual e folclórica. Essa obrigatoriedade da lei sendo trabalhada na escola de maneira sistemática e corrente, consolidaria nosso país como uma potência educacional no combate ao racismo no continente, reduzindo as desigualdades e trilhando um caminho consistente para reparar historicamente os erros cometidos no passado, porém essa não é a nossa realidade.

A educação brasileira ainda está muito aquém do que deveria ser quando se fala em educação antirracista. Em pesquisa recente realizada pelo Geledés Instituto da Mulher Negra e Instituto Alana, setenta e nove por cento dos gestores municipais sequer sabem da existência da lei 10.639/03 e de sua aplicabilidade, ou seja, 7 em cada 10 secretarias municipais não a cumprem.⁴ Falta unidade e sistematização de conceitos na formação profissional e continuada do educador; faltam políticas públicas diretas entre os governos; faltam materiais pedagógicos antirracistas em larga es-

cala para darem suporte ao planejamento do educador. Falta, na maioria das escolas, a inserção da questão antirracista de forma prioritária em seu Projeto Político Pedagógico, ou seja, o educador fica numa via-crucis, sem saber o que fazer; seja por falta de competência no assunto; seja isolado e desgastado por ser o "único" a trabalhar essa questão na escola.

Não existe apenas um modelo de se abordar a educação antirracista dentro escola. Cada professor, a partir da sua ótica, pesquisa e repertório pode contribuir com a causa dentro do seu conteúdo. A troca de conhecimentos entre colegas da rede educacional para uma metodização do ensino antirracista, fortalece o desempenho da escola por uma educação mais diversa, inclusiva e com equidade racial.

Um ensino antirracista que soe inerente ao dia a dia da escola é o melhor caminho para o desenvolvimento ideal de seu estudante. Uma aprendizagem étnico-racial que comece desde a entrada do aluno na unidade escolar, perpassa pelos profissionais da cozinha, da limpeza, pelo professor, coordenador, diretor e atinge a família do educando é a trajetória perfeita para a formação de um cidadão consciente, pleno e saudável, que nunca vai flertar com o racismo, e sempre vai buscar proteger (ser antirracista) quem sofrê-lo.

2- EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NO BRASIL: Formação de professoras e professores da Educação Básica. [Locução del]: Carolina Marcelino. Entrevistada: Rosa Margarida de Carvalho Rocha. São Paulo: Fundação Santillana, 17 out. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/onPkDlPgTEhWZ-q8YNjnfV2?si=e2ad5f68ccbe4120>. Acesso em: 27 abr. 2023.

3 - A lei 11.645/08 vem se juntar a lei 10.639/03 em termos de ampliação de conhecimentos sobre a formação do povo brasileiro, pois traz a obrigatoriedade do ensino e história da diversidade indígena, mostrando a contribuição desse povo na construção da identidade desse país.

4 - Disponível em: https://alana.org.br/wp-content/uploads/2023/07/Lei10639_NACIONAL.pdf (Acesso em: 14 Nov. 2023)

DICAS



PARA ASSISTIR



NINGUÉM NASCE RACISTA. CONTINUE CRIANÇA



PARA OUVIR



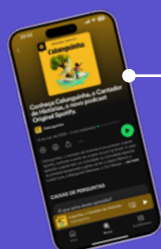
IDENTIDADE / JORGE ARAGÃO / LIVRE

Canção escrita por Jorge Aragão para o álbum *Chorando Estrelas*, lançado em 1992. A letra fala sobre a identidade da população negra, fazendo referências ao racismo estrutural brasileiro.



VIDAS NEGRAS / TIAGO ROGERO / LIVRE

Neste podcast original do Spotify, o jornalista Tiago Rogero analisa e entrelaça a trajetória e a obra de personalidades da história e da atualidade.



CALUNGUINHA, O CANTADOR DE HISTÓRIAS /
STELA NESRINE E LUCAS MOURA / LIVRE

Neste podcast do Spotify, o "cantador" Calunguinha vai apresentar personagens importantes da cultura negra nacional e internacional em formato musical.



02

A SOLIDÃO DA CRIANÇA NEGRA NO AMBIENTE ESCOLAR

*"Aquele menino
Ali bem quietinho
Por que que ele está
No cantinho trístico
Chame ele pra cá
Não o deixe sozinho
Vamos ser o seu lar
Vamos ser seu amigo..."*

UNIÃO É A CHAVE
Allan Pevirguladez
MPBIA



Uma aluna negra, de 9 anos, estudante do ensino fundamental, relata aos pais que é isolada pelas colegas na escola em que estuda, em São Paulo. Ninguém brinca com ela, a sua única companhia durante o intervalo é o livro. Os colegas debocham dela após uma revelação do fato de ter nascido no horário noturno. Os pais, ao saberem do fato, acionam a escola, que não vê relevância no caso e não toma nenhuma providência.⁵

Esse acontecimento da vida real representa uma realidade latente do despreparo que há dentro da escola nas situações em que o racismo se faz presente. Não é de hoje que a construção da imagem do negro não é trabalhada de maneira positiva na educação brasileira, isso não deixa de ser um determinante para o rendimento escolar de uma criança negra.

As escolas brasileiras, baseadas num currículo escolar eurocêntrico, não trabalharam a questão da diversidade dentro do seu ambiente escolar, pelo contrário, silenciaram muitas vezes diante dessas violências, o que muito corroborou para que o racismo se legitimasse com força naquele espaço.

Quantas músicas de fundamentação racista existem hoje no imaginário de diversos adultos negros, que na sua infância, mesmo sofrendo violências diárias, foram tratados como invisíveis dentro do ambiente escolar?

O desserviço que cantigas infantis como Boi da Cara Preta, Samba Lelê e Escravos de Jó e outras causaram no imaginário desses adultos quando crianças é gigantesco, posto que já se internalizava uma relação do negro a tudo que fosse ruim ou do mal.

Uma criança negra que sai do seu lar para a escola pode ser atravessada pelo racismo a qualquer momento, e se o profissional da educação ali presente não estiver atento à questão, ou não fizer nenhuma interrupção caso presencie uma ocorrência dessa natureza, com certeza ocasionará nessa criança uma série de traumas, que poderão ser irreversíveis se não forem acolhidos com a importância devida, podendo gerar uma aversão à escola.

Os dados e pesquisas científicas⁶ comprovam que, seja em situação de pobreza ou sendo

vítima de exploração do trabalho infantil, a maioria, ou quase a sua totalidade de crianças nessa situação é parda ou preta.

Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, antes de completar 15 anos, uma criança negra tem 3 vezes mais chance de ser morta ante a uma criança branca.⁷

A real dos fatos é uma só: não somos todos iguais. O mito da democracia racial é uma falácia. Ser uma criança negra neste país é correr mais riscos de violência, assim como ter a sua capacidade intelectual questionada, posta à prova, a todo momento. Por isso, diversidade, inclusão e interseccionalidade⁸ são temáticas de alta relevância para crianças e adolescentes que estão definindo seus lugares no mundo.

Ações afirmativas, que ressignifiquem, de forma positiva, a identidade do negro são essenciais para uma nova construção social.

A literatura infantil, as brincadeiras, os jogos educativos e todos os outros elementos da cultura infantil precisam ser pensados e propostos de forma racializada.

É preciso incutir na mente da criança branca de que há uma diversidade de beleza, competências e saberes culturais nos seus outros pares raciais que precisam ser valorizados, não sendo ela o único padrão de prestígio social existente.

5 - Disponível em: *Racismo na escola: como lidar com casos de discriminação entre alunos?* Acesso em: 06 set. 2023.

6 - Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/12/quase-70-das-vitimas-de-trabalho-infantil-sao-pretas-ou-pardas-diz-ibge.shtml> (Acesso em: 06 set. 2023)

7 - Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/bruna-ribeiro/racismo-e-infancia-as-pesquisas-sobre-o-tema-e-o-debate-cientifico/> (Acesso em: 06 set. 2023)

8 - Disponível em: *O que é interseccionalidade*, Carla Akotirene? | Espelho com Lázaro Ramos (Acesso em: 14 Nov. 2023)

Embora hoje, a lei garanta a obrigatoriedade de aprendizagem da “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” dentro da educação básica, ainda se vê um ensino muito distante neste aspecto, visto que muitos educadores e escolas deste país não passaram por um processo de formação qualificado neste tema, performando ideias insuficientes acerca da representatividade do negro no Brasil.

O Dia 20 de Novembro⁹ é uma data referência para a população negra. Nesse mês, as escolas buscam desenvolver ações voltadas para a temática do negro. Isso é importante, porém é preciso destacar que o trabalho de uma educação antirracista deve acontecer durante os duzentos dias letivos na unidade escolar, para que não haja prejuízo no entendimento de valorização e contribuição da identidade negra em nosso país.

A busca por uma sociedade melhor passa por um processo de aprendizagem que contemple as diversas identidades que este país apresenta. Sendo assim, a normatização de uma educação antirracista, com metodologias efetivas e práticas, se faz essencial em toda rede escolar brasileira, gerando uma consciência racial consistente em todo país.

Chega de solidão, isolamento e ações pontuais. A educação antirracista precisa ser um instrumento de atuação ininterrupta e permanente de todos os pares sociais, não somente da escola.

9 - <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-nacional-da-consciencia-negra.htm> (Acesso em: 06 set. 2023)

DICAS



PARA LER



O GAROTO DA CAMISA VERMELHA /
OTÁVIO JÚNIOR / 8 ANOS

Este livro narra a história do garoto da camisa vermelha – que soltava pipas, jogava bola de gude e corria nos campinhos esburacados de futebol. Um belo dia, em meio ao lixo, ele encontra algo preciso, e sua vida ganha outras cores em um surpreendente encontro com a literatura.



O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO /
RODRIGO FRANÇA / 5 ANOS

“O Pequeno Príncipe Preto” tem como objetivo estimular uma reflexão sobre a importância de empoderar crianças negras a partir de referenciais positivos, e ao mesmo tempo problematiza a falta de representatividade da pessoa negra nos livros, filmes e personagens do imaginário popular artístico.



A CURA DA TERRA / ELIANE POTIGUARA / 9 ANOS

Moína é uma menina muito curiosa, de origem indígena, e que adora se aconchegar nos braços da avó para ouvir histórias. Ela quer entender o sentido de sua vida, as suas transformações. Mas uma história em especial revelará à menina o sofrimento pelo qual seu povo passou, as descobertas e a sabedoria de seus ancestrais e também como conseguiram a cura de um de seus bens mais preciosos: A terra.



PARA ASSISTIR



DUDU E O LÁPIS COR DE PELE / MIGUEL RODRIGUES / LIVRE

O curta conta a história de Dudu, um menino de 7 anos inteligente e imaginativo, estudante de um colégio particular de classe média em São Paulo. Durante uma aula de educação artística, Dudu escutou o termo "lápiz cor de pele", mas percebeu que a cor do lápis não era a mesma cor de sua pele. O garoto busca entender sua própria identidade e nesse percurso conhece uma amiga que o ajuda a entender sobre a cultura negra.





03

AS SUTILEZAS DO RACISMO RECREATIVO NA ESCOLA

*"Brincar é muito bom
Mas não é piada
Aquele que não respeita
Não está com nada
Não importa a cor
Não importa a raça
Todas as crianças
Tem que ser bem tratadas..."*

BRINCAR NÃO É PIADA
Allan Pevirguladez
MPBIA

A discriminação estética é o tipo de racismo que mais ocorre no ambiente escolar. Cabelos crespos, traços negróides e tom de pele retinto são constantemente alvos de ataques racistas proferidos entre os alunos, com intuito de 'esculachar' o colega de turma ou de outra sala. Tais agressões, disfarçadas de brincadeira, no entanto, tem sua origem, muita das vezes, fora da escola, sendo trazidas, em muitos casos, do seio familiar do educando, porém, o agravamento acaba se dando na unidade escolar, que não interrompe nem provoca reflexão acerca desse tipo de violência.

As crianças negras têm maior dificuldade com seus cabelos e suas peles, porque elas percebem que não possuem a mesma aceitação que as outras crianças, inclusive sendo excluídas de receber qualquer tipo de afetividade por parte de alguns professores.

Isso ocorre, em geral, pelo fato de já haver uma naturalização desse tipo de "humor" como parte de uma cultura racista que existe em nosso país. Muitos educadores foram socializados em sua comunidade ou através da mídia num ambiente em que esse tipo de manifestação era comum. Os programas televisivos, as músicas de carnaval e as piadas de cunho racista fizeram parte do dia a dia do cidadão brasileiro sem nenhuma restrição ou apontamento crítico mais veemente até bem pouco tempo. Exceto em situações extremamente constrangedoras e de muita repercussão negativa, não havia combate a esse tipo de racismo em nossa sociedade.

A suposta sutileza do humor racista, visto como uma atitude de menor potencial ofensivo e que não gera um grande impacto aparentemente, fez com que esse movimento de brincar jocosamente com a imagem e a reputação de pessoas negras se alastrasse de forma instantânea e nociva em todas as camadas sociais do Brasil, se transformando em instrumento discursivo de entretenimento para políticos, influencers, comediantes, jornalistas, modelos e outros.

O Racismo Recreativo parte sempre de uma premissa em que, independente de qualquer fator, o negro é inferior ao branco e ponto final, seja no aspecto moral, estético, intelectual ou sexual, nada poderá mudar essa condição. Isso, no fim das contas, despedaça e dilacera a autoestima e

a existência de uma pessoa negra, contribuindo, assim, para a sua desumanização.

Por outro lado, é importante destacar que não é nada incomum dentro do ambiente escolar se deparar com um aluno negro "reproduzindo" racismo recreativo aos seus semelhantes de cor ou a outros grupos raciais que estão em desvantagem na pirâmide social. Há uma falsa sensação de superioridade dentro desse processo, uma tentativa inútil de não se mostrar pertencente a este quadro de hostilidade, uma negação profunda de sua negritude, ou seja, há uma ideia de que, ao adotar uma postura da branquitude, este aluno será menos agredido por esse tipo de humor de seus colegas brancos, o que não se confirma posteriormente, pois o atravessamento do racismo pode se dar independente do movimento que esse aluno possa fazer para minimizá-lo.



"O BULLYING TE DESCARACTERIZA, O RACISMO TE DESUMANIZA."¹⁰

BENILDA BRITO

10 - Disponível em: O RACISMO é PERIGOSO na EDUCAÇÃO das CRIANÇAS - Canal Preto (Acesso em: 06 Set. 2023)

INCONSCIENTE OU NÃO, VOCÊ JÁ PRODUZIU RACISMO RECREATIVO

Se pensarmos que o racismo é institucionalizado e estrutural¹¹, a afirmação acima não é uma mera provocação ou algo sem sentido, mas sim um movimento “natural” de uma sociedade arraigada na escravidão. Ou seja, não é somente o nosso aluno quem produz hoje discurso ou brincadeira fundamentada no racismo recreativo. Você mesmo, educador, em algum momento da sua vida já deve ter produzido alguma fala nesse viés, e talvez nem tenha se dado conta, visto que a formação cultural do povo brasileiro se deu a partir desses discursos disfarçados de brincadeira.



“CRIANÇA NEGRA SOFRE RACISMO TODO DIA NA ESCOLA.”¹²

MC SOFFIA

É preciso que todos os profissionais da escola não silenciem, nem reforcem situações de racismo recreativo. Que sejam agentes responsáveis e conscientes de um novo pensar sobre a gravidade desse tipo de comportamento, fazendo com que o aluno entenda que a diversidade étnica precisa ser respeitada para que o ambiente escolar se torne um espaço de convivência saudável e harmonioso entre todos os que compõem este universo.

ALGUMAS FALAS E DISCURSOS COMUNS DO RACISMO RECREATIVO QUE SÃO RECORRENTES DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR:

“Isso é serviço de preto!”

“Saco de carvão dois reais”

“Negro quando não caga na entrada, caga na saída”

“Tinha que ser preto!”

“De preto já basta eu”

“Você tem cabelo de bruxa!”

“Cabelo de Bombril”

“Cabelo de Mendigo”

“Cabelo Duro”

“Buiú, Chokito, Nescau, ”

“Humor Negro”

“Chuta que é macumba”

“Samba do crioulo doido”

“Nego é fogo! Neguinho só faz m...”

“Denegrir”

“Seu Macumbeiro!”

“Seu galinha de macumba!”

“Feito nas coxas”

“Nhaca”

11 - Disponível em: O QUE É RACISMO ESTRUTURAL? | Silvio Almeida (Acesso em: 14 Nov. 2023)

12 - Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/02/12/crianca-negra-sofre-racismo-todo-dia-na-escola-diz-mc-soffia.htm> (Acesso em: 06 Set. 2023)

DICAS



PARA LER

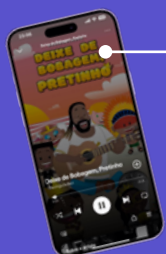


RACISMO RECREATIVO / ADILSON MOREIRA

Neste volume da coleção Feminismos Plurais, pela primeira vez, a relação entre racismo e humor é aprofundada. Por um ponto de vista jurídico, o advogado, doutor em Direito, Adilson Moreira esmiúça os conceitos de racismo e injúria racial, explicitando o viés racista da Justiça brasileira quando sentencia que produções culturais, como programas humorísticos, que reproduzem estereótipos raciais não são discriminatórias por promoverem a descontração das pessoas.



PARA OUVIR E ASSISTIR



DEIXE DE BOBAGEM, PRETINHO / MPBIA / LIVRE

Deixe de Bobagem, Pretinho é uma canção infantil antirracista de empoderamento, de autoestima e de um resgate ancestral da beleza que os traços negroides do nosso povo possui. É uma resignificação de valores que durante tempos foram menosprezados pelos que se consideravam o padrão estético da sociedade. Essa canção não pretende excluir, mas sim afirmar aos que sempre foram minorizados que há um valor inestimável em ser quem são.



UM DIA DE INJÚRIA & PANTERA
PRETA / AMIRI / 16 ANOS

As duas canções, unidas em um único vídeo pelo rapper paulistano Amiri, retratam o cotidiano de jovens negros na escola e na vida, mostrando como eles são atravessados diariamente pelo racismo estrutural brasileiro.



MÚSICA POPULAR BRASILEIRA
INFANTIL ANTIRRACISTA / MPBIA

Música Popular Brasileira Infantil Antirracista Volume Um é o primeiro álbum infantil antirracista da história, feito pelo professor e multiartista Allan Pevirguladez.

Abordando, de forma lúdica, temas que poderiam soar complexos como racismo recreativo, colorismo e representatividade negra, o repertório da MPBIA busca chegar antes de qualquer violência racista, mostrando que, através da arte, é possível educar de forma antirracista os nossos pequenos.

04

O CABELO COMO SÍMBOLO DE EMPODERAMENTO DENTRO DO UNIVERSO ESCOLAR



*"O meu cabelo
É bem bonito
É black power
E é bem pretinho
O do João também é bonito
É amarelo, e bem lisinho
O da Vitória é uma gracinha
Cor de chocolate
Feito de trancinha
O do Ricardo é muito legal
É bem crespinho
E é natural
Muitos formatos
Vários cabelos
Não tenha medo
Se olhe no espelho
Ele representa
A sua identidade
Ninguém vai tirar
A minha liberdade!"*

O MEU CABELO É BEM BONITO
Allan Pevirguladez
MPBIA

Quem nunca soube de uma criança negra que queria ter cabelo liso para acabar com os apelidos que ouvia na escola? Quantas meninas negras, por parte da família, tiveram de adotar o uso do cabelo sempre preso na escola para evitar agressões racistas? Quantos meninos negros cortam o cabelo semanalmente porque cabelo de menino negro precisa estar sempre baixo e curto para transmitir “boa aparência” (quando não cortam, utilizam boné por não se sentirem belos). Essas agressões racistas são danosas à saúde mental da pessoa negra e também ocorrem quando o outro, em geral, uma pessoa branca, busca, a partir da sua fala, induzir e definir o melhor tipo de cabelo a ser utilizado pela pessoa negra quando essa faz uma mudança em seu visual. “Ah, eu prefiro o seu cabelo assim, trançado, fica muito mais bonito”. Tem também o ato racista de uma pessoa branca colocar a mão sem permissão no cabelo de uma pessoa negra como se fosse algo exótico e que desse o direito ao outro de invadir a sua intimidade para saciar a sua curiosidade.

Cultivar a autoestima negra de forma positiva é um importante fator para uma construção saudável e empoderada da criança negra em ambiente escolar, logo, se faz essencial que o educador antirracista esteja atento e preparado para que nenhuma violência ocorra na escola a fim de desumanizar um dos traços mais importantes do povo negro: o seu cabelo.

De geração a geração, os cabelos afro carregam uma série de significados e valores para a cultura negra.¹³ Eles agregam, além do fator estético, conhecimento de sua origem, resistência e herança ancestral. No entanto, o racismo estrutural brasileiro trabalhou com muito afinco para destituir do povo negro esse traço africano de beleza e identidade. Por meio de um sistema opressor e eurocêntrico, se impôs, tanto na mídia, quanto no mercado de trabalho e no dia a dia, um único padrão de beleza merecedor de estima social: o caucasiano. Há diversos casos e relatos na mídia de crianças e jovens negros, que durante boa parte da sua juventude, viram no seu cabelo um fardo a ser carregado, lançando mão de produtos e químicas extremamente agressivos a fim de embranquecer a sua estética, para se tornarem mais aceitos dentro de seu nicho social.

A ESCOLA COMO POTENCIALIZADOR DE IDENTIDADES NA INFÂNCIA

O cabelo de uma criança negra não pode ser mais um obstáculo na busca por uma educação de qualidade e um ambiente saudável dentro da escola, pelo contrário, ele precisa ser mais um elemento que potencialize da melhor forma a sua identidade, os seus valores, origens e ancestralidade.

A escola precisa se posicionar previamente para que esse tipo de violência não ocorra dentro de sua unidade. A ação do educador deve contemplar afetuosamente todos os grupos étnicos que habitam naquele ambiente. O elogio, o carinho ou maior atenção nas atividades propostas precisa tentar, sempre que possível, ser na mesma medida para todos, sem excluir nenhum aluno do processo. Montar trabalhos interdisciplinares tendo a diversidade de cabelos como tema é importante para acentuar a riqueza do nosso povo, assim como é necessário que o Projeto Político Pedagógico da unidade escolar tenha a questão da educação antirracista como eixo fundamental de sua atuação durante o ano letivo, buscando conscientizar e erradicar qualquer sintoma de racismo que possa tentar se difundir dentro do espaço de ensino.

**“NÃO É POSSÍVEL PASSAR
POR UM PROCESSO DE
EMPODERAMENTO PRODUTIVO
SE NÃO NOS RECONHECERMOS E
NOS ENCONTRARMOS EM NOSSA
PRÓPRIA PELE.”**

(BERTH, 2020, PÁG. 120)

13 - <https://www.terra.com.br/nos/conheca-a-historia-da-discriminacao-do-cabelo-crespo-no-brasil,dfe7e90a0626f754e0ddf0f-f9afaoag9l7ikfs.html> (Acesso em: 06 Set. 2023)

DICAS



PARA LER



O MUNDO NO BLACK POWER DE TAYÓ / KIUSAM DE OLIVEIRA / 5 ANOS

Tayó é uma menina negra que tem orgulho do cabelo crespo com penteado black power, enfeitando-o das mais diversas formas. A autora apresenta uma personagem cheia de autoestima, capaz de enfrentar as agressões dos colegas de classe, que dizem que seu cabelo é "ruim". Mas como pode ser ruim um cabelo "fofo, lindo e cheiroso"? "Vocês estão com dor de cotovelo porque não podem carregar o mundo nos cabelos", responde a garota para os colegas. Com essa narrativa, a autora transforma o enorme cabelo crespo de Tayó numa metáfora para a riqueza cultural de um povo e para a riqueza da imaginação de uma menina sadia.



MEU CRESPO É DE RAINHA / BELL HOOKS / 3 ANOS

Publicado originalmente em 1999 em forma de poema rimado e ilustrado, Meu crespo é de Rainha é um livro que enaltece a beleza dos fenótipos negros, exaltando penteados e texturas afro, servindo de referência à garota que se vê ali representada e admirada.



MANUAL DE PENTEADOS PARA CRIANÇAS NEGRAS / JOANA GABRIELA MENDES E MARI SANTOS 9 ANOS

Um manual repleto de passo a passos ilustrados de penteados e cortes perfeitos para as crianças negras sentirem orgulho de seus cabelos - e de sua identidade!



PARA ASSISTIR E LER



AMOR DE CABELO / MATTHEW CHERRY / 4 ANOS

Comovente e empoderador, Amor de cabelo, também lançado em forma de livro, enaltece o carinho ao próprio cabelo, o amor entre pais e filhas e a felicidade que preenche aqueles que podem se expressar livremente.



PARA OUVIR E ASSISTIR



O MEU CABELO É BEM BONITO / MPBIA / LIVRE

Uma canção que surgiu na escola pública e ganhou o mundo, com versos simples e ao mesmo tempo potentes e encantadores, pois busca valorizar o cabelo de todas as crianças, independente da sua etnia. Uma mensagem libertadora de respeito e afeto à diversidade étnica que existe em nossa sociedade.



05

COMO O RACISMO RELIGIOSO AFETA A SAÚDE MENTAL DE UMA CRIANÇA NEGRA

*Desde pequenininho
É que se aprende a respeitar
A fé do coleguinha
Não devo menosprezar*

*Seja da igreja,
Seja do terreiro
Isso nada muda
Amizade vem primeiro*

*Ele é do bem,
E eu sou também
O que é do mal
É desmerecer alguém*

*Indígena, preto e branco
Traz sua fé de um lugar
Vamos ser feliz
Todos juntos sem brigar*

AMIZADE VEM PRIMEIRO
Allan Pevirguladez
MPBIA



Desde quando os portugueses aqui invadiram e deram início ao maior comércio transatlântico de escravizados de todos os tempos, a busca pela extinção de tudo que fosse característica do povo africano passou a ser objeto de desejo para fins de apagamento das origens africanas por parte dos colonizadores. Sejam nas suas memórias, nos seus costumes ou nas suas crenças, a meta final sempre foi esvaziar dos escravizados toda e qualquer herança oriunda de África. A igreja católica foi parte determinante neste processo, pois ela utilizou da escravidão para construir o seu legado no Brasil com a força de trabalho dos escravizados, concordando com o conceito de que a “raça” negra era inferior à branca e merecia ter a sua alma “salva”, se convertendo na religião europeia.

Em 1890, o Brasil é constituído como um estado laico, no entanto, seja por decreto de lei¹⁴ no Código Penal, criando delegacia específica na Polícia Civil para prender artefatos¹⁵ e adeptos do candomblé, seja publicando matérias na imprensa “festejando” os ataques da polícia em cultos de religiões afro, todo e qualquer traço religioso africano contrário a uma religião cristã, sempre foi motivo de perseguição¹⁶ e demonização neste país.

A intolerância religiosa passou a ser uma terminologia bastante utilizada nos últimos tempos por estudiosos e interessados em explicitar o preconceito que existe em nosso país sobre as religiões, todavia, tal nomenclatura se faz insuficiente, quando, numa análise mais aprofundada do que acontece no Brasil, vemos que a questão é estritamente racial, pois são majoritariamente os adeptos da Umbanda e do Candomblé os grupos religiosos mais violentados, estigmatizados e perseguidos pela sociedade em geral. Diante de dados e muita pesquisa, especialistas como Hédio Silva Júnior, Rodney William e Sidnei Nogueira defendem que Racismo Religioso¹⁷ define melhor tal prática de intolerância.

Nos últimos anos, temos visto mais uma face do racismo religioso, que são as tentativas de modificação nos nomes de elementos da gastronomia e da luta afro-brasileira, com vistas a atender as demandas de uma parcela de grupos cristãos.

São os casos do “Bolinho de Jesus e da Capoeira Gospel”, exemplos explícitos de apropriação cultural e negação da origem ancestral de uma criação do povo negro.

O racismo religioso é perverso, pois obriga famílias negras a esconderem a crença de seus filhos dentro do universo escolar, por temerem que eles sofram represália dos seus colegas de turma e até mesmo de outros profissionais da escola. A criança adepta ao candomblé ou umbanda precisa forjar a sua conduta, viver de forma velada a sua fé, para que não seja marginalizada ou vista com suposta propensão a fazer o “mal” ao outro. Todo esse alijamento é feito para que ela não vire “alvo” das violências racistas enraizadas em nossa sociedade.

14 - <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/o-racismo-religioso-e-sua-forca-atemporal-o-caso-de-aracatuba/> (Acesso em: 06 Set. 2023)

15 - <https://www.brasildefatoz.com.br/2020/08/20/museu-da-republica-rj-vai-receber-mais-de-500-pecas-de-religoes-afro-brasileiras> (Acesso em: 06 Set. 2023)

16 - <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/09/16/intolerancia-religiosa-mulher-foi-agredida-e-perdeu-visao-do-olho-direito-por-escutar-o-samba-da-grande-rio-em-homenagem-a-exu.ghtml> (Acesso em: 06 Set. 2023)

17 - <https://www.cartacapital.com.br/justica/o-racismo-religioso-se-agravou-muito-no-brasil-nos-ultimos-anos/> (Acesso em: 06 Set. 2023)

<https://mundonegro.inf.br/babalorixa-e-antropologo-rodney-william-leva-imersao-sobre-exu-para-ambiente-virtual/> (Acesso em: 06 Set. 2023)

<https://www.conectas.org/noticias/o-que-e-racismo-religioso-e-como-ele-afeta-a-populacao-negra/> (Acesso em: 06 Set. 2023)

COMO COMBATER O RACISMO RELIGIOSO NA ESCOLA?

O racismo religioso é uma violência que causa muitos danos à saúde mental de uma criança negra em idade escolar adepta de uma religião de matriz africana, pois isso afeta diretamente na sua autoestima, na sua intelectualidade, na sua relação familiar e na sua construção de identidade, o que consequentemente vai afetar na sua participação ativa no dia a dia da escola. O racismo religioso tende a causar inibição e introspecção na criança negra, pois ela não se sentirá confortável em externar verbalmente ou de forma textual seus pensamentos, costumes e sua visão de mundo, devido ao medo de ser desumanizada pelos colegas de turma.

Preservar e respeitar o repertório de mundo e as vivências trazidas pelo educando é fundamental para uma evolução saudável do processo de aprendizagem. A escola não pode ser conivente ou incentivadora desta violência. Ela precisa performar de forma efetiva no que diz respeito à diversidade religiosa existente neste país, para que nenhum aluno se sinta desprestigiado ou marginalizado por conta de sua crença religiosa.

A seguir, trago algumas possibilidades para o educador atuar de forma consistente ante ao racismo religioso:

A partir de textos da literatura infantil e infantojuvenil antirracista, apresente a mitologia lorubá, de forma que o aluno entenda que, como forças da natureza, as divindades africanas conhecidas como orixás apresentam uma enorme diversidade e riqueza na formação cultural do país, mostrando que dentro desse universo existe uma outra maneira de enxergar a vida e a morte, assim como uma outra versão para a criação do mundo;

Apresente e proponha atividades a partir do Maculelê¹⁸, do Maracatu, da Dança Afro, da Capoeira e do Jongo, no intuito de reforçar a riqueza cultural que essas expressões afro brasileiras entregam para a construção do indivíduo e da sociedade, reforçando a representatividade negra positiva e rompendo com qualquer tipo de demonização que possa haver sobre tais elementos;

Intervenha sempre que houver alguma fala ou ataque racista de cunho religioso na escola. Termos e expressões como “macumbeiro”, “macumba” “volta pru mar, oferenda” “chuta que é macumba” e outros devem ser repreendidos. O estado é laico e o Brasil é um país plural, construído a partir de várias culturas, não devendo haver qualquer tipo de estigma ou doutrinação religiosa;

Sempre que houver oportunidade, converse com seus alunos, de forma harmoniosa sobre fatos do cotidiano de grande repercussão na mídia que falem de casos de racismo religioso, buscando levar ao educando o entendimento de que o discurso de ódio não é saudável e o respeito à diversidade religiosa deve haver sempre, independente da crença que cada um professe.



“NA HISTÓRIA DESTES PAÍSES, SEMPRE TEVE UM GRUPO RELIGIOSO QUE É PERSEGUIDO PELO ESTADO.”¹⁹

IVANIR DOS SANTOS

18 - <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/5a-no/educacao-fisica/dancas-do-brasil-dancas-de-matriz-africana/6545> (Acesso em: 06 Set. 2023)

19 - PROJETO QUERINO : A Cor Dos Faraós. [Locução de]: Tiago Rogero . Entrevistado: Ivanir dos Santos . Rio de Janeiro: Radio Novelo , 6 ago. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0QxvqPrSRXYwLTuAB4hz7Z?si=5ece1726abfd46c4>. Acesso em: 10 fev. 2023.

DICAS



PARA LER



O TABULEIRO DA BAIANA / SÔNIA ROSA / 12 ANOS

O tabuleiro da baiana, de Sônia Rosa, traz para o universo infantil a graça e o encanto desse personagem tão típico do cenário brasileiro - as vendedoras de quitutes que ficaram conhecidas em todo o país como 'baianas'. As roupas, o tabuleiro e os pratos típicos da culinária baiana são sua 'marca registrada'.



PARA OUVIR



ÁFRICA BRASIL / JORGE BEN JOR / LIVRE

Um clássico da discografia de Jorge Ben Jor, esse disco é emblemático em todos os aspectos, mas do ponto de vista racial, apresenta a partir de reis, rainhas, artistas do futebol e heróis históricos, o que de melhor há em termos de representatividade negra positiva, servindo como um ótimo instrumento pedagógico para ser trabalhado em sala de aula.



PARA ASSISTIR



IEMANJÁ YEMOJÁ: A CRIAÇÃO DAS ONDAS / CÉLIA HARUMI SEKI / LIVRE

"Iemanjá Yemoja: a criação das ondas" é um curta de animação afro

que celebra a cultura afro-brasileira ao encenar, por meio da técnica de animação quadro a quadro (stop motion), mitos afro-brasileiros. Nessa narrativa, Iemanjá, a Rainha do Mar, recebe de Olodumare, o criador do Universo, o poder de devolver à terra as sujeiras jogadas pelos homens no mar.



ÔPARÁ DE ÒSUN: QUANDO TUDO NASCE / PÂMELA PEREGRINO / LIVRE

O curta de animação "Ôpará de Òsùn: quando tudo cria" conta a história

da Orixá das águas doces, Òsùn, a deusa da fertilidade onde tudo cresce na força do Axé.©



06

A VISIBILIDADE QUE NÃO É PODER: O RACISMO QUE NOS ATRAVESSA INDEPENDENTE DE QUEM SOMOS

*Ele baila por onde passa
É o maior ponta esquerda do mundo,
mas é visto como ameaça
É um corpo preto, feito no Brasil
Descendente de África, dono de um sorriso gentil
É vítima do racismo, mas não perde a sua graça
A Europa hostil se incomoda com a sua raça
Não gosta da sua cara, não entende a sua magia
Não consegue conceber que mesmo
com tantos insultos
Ele ainda joga com muita alegria
Sambando na cara da sociedade racista com
muita malemolência
Feito os seus ancestrais, que faziam da dança a
sua forma de resistência
A sua essência, a sua negritude
Vinícius Júnior, o espetáculo é seu, portanto,
Nunca mude.*

ESSÊNCIA E NEGRITUDE
Allan Pevirguladez

Os episódios racistas ocorridos com o jogador Vinícius Júnior por parte de torcedores rivais do Real Madrid deflagram uma questão muito cruel da sociedade racista em que estamos inseridos, que é o fato de que, independente do quão famoso ou reconhecido globalmente você seja, isso não o livra de ser atravessado pelo racismo.

Tomando este caso como referência para uma análise que pode também servir de parâmetro para outros casos semelhantes, podemos inicialmente afirmar que as ofensas dirigidas ao jogador brasileiro estão relacionadas ao seu jeito “abusado” de jogar e a sua forma de celebrar os seus gols ou o dos seus companheiros durante as partidas de seu clube. No entanto, com um olhar mais apurado, e observando as diferenças de formação entre a cultura do povo europeu com a ancestralidade do jogador, oriunda de um povo que traz no seu corpo e na sua dança a dinâmica para interagir e socializar com o mundo ao seu redor (seja na roda de samba, na batalha de passinho, na capoeira ou nas religiões de matriz africana), entende-se que tal reprovação e xingamentos tem muito a ver com um racismo do homem branco europeu, que não aceita a forma como um homem negro retinto afro-brasileiro celebra a sua felicidade em um continente ao qual não é “pertencente”.

O objetivo do torcedor branco europeu com essas manifestações racistas sobre Vinícius Júnior é fazer com que ele negue a sua identidade, a sua cultura e os seus referenciais, fazendo por fim com que ele negue a sua própria negritude. Tentar embranquecer a postura do jogador em campo, tornando-o menos mais europeu e menos africano talvez seja o propósito dos torcedores rivais que atacam racistamente Vini Jr.

Este episódio serve para entendermos que a cultura negra, que mesmo tendo os seus registros negligenciados dos livros de História, buscou, a partir da oralidade e do corpo, transmitir às próximas gerações os seus ensinamentos e saberes. Logo, é preciso que nós, como educadores antirracistas, não tentemos “podar” o repertório de mundo que o nosso aluno negro traz do meio em que vive, buscando sempre aproveitar da melhor forma esse material, transformando-o em mais um conteúdo de ensino.

O FATO DE UMA PESSOA NEGRA
ESTAR NA LIDERANÇA, NÃO
SIGNIFICA QUE ESTEJA NO PODER,
E MUITO MENOS QUE A POPULAÇÃO
NEGRA ESTEJA NO PODER.

(ALMEIDA, 2021, PÁG. 110)

DICAS



PARA LER



ALMANAQUE PEDAGÓGICO AFRO - BRASILEIRO / ROSA MARGARIDA DE CARVALHO ROCHA

A professora Rosa Margarida apresenta aos professores do ensino fundamental e médio uma bem-cuidada proposta de como inserir os conteúdos afro-brasileiros na sala de aula, de maneira planejada e contínua. Há várias atividades e jogos; um calendário com as datas mais importantes relativas aos temas afro-brasileiros e um manancial de informações e ilustrações cuidadosamente pesquisadas sobre personalidades negras e o tema étnico-racial.



COMO SURTIU: MITOS INDÍGENAS / DANIEL MUNDURUKU / 9 ANOS

Neste livro há várias histórias fantásticas de povos indígenas contadas pelo premiado autor Daniel Munduruku. São narrativas cheias de fantasia, sabedoria e surpresas. Junto com a sabedoria e a magia dessas histórias, vem o respeito à cultura indígena.



OLHOS D'ÁGUA / CONCEIÇÃO EVARISTO / 16 ANOS

Em Olhos D'água, Conceição Evaristo ajusta o foco de seu interesse na população afro-brasileira abordando, sem meias palavras, a pobreza e a violência urbana que a acometem.



PARA OUVIR E ASSISTIR



EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL / FUNDAÇÃO SANTILLANA

Podcast produzido com educadores de diversas regiões do país para falar sobre "Educação e Relações Étnico- Raciais"





07

A BRANQUITUDE E O PERCURSO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

*"Quem sempre quis dividir,
segregar, separar, que não aceitava
que o filho tivesse um coleguinha
negro na caríssima escola
particular foi o branco [...]"²⁰*

Tiago Rogero

A branquitude brasileira se encontra num momento de definição. Seus próximos passos decidirão de que lado ela está no que diz respeito ao combate ao racismo. Para isso, ou ela abre mão de suas heranças e regalias e se coloca como agente do problema, performando uma postura antirracista, desconstruindo essa violência dentro do seu próprio grupo racial; ou ela se exime de qualquer responsabilidade, não emitindo nenhuma opinião, muito menos confrontando a sua base, mantendo-se passiva em sua bolha de desigualdades.

A educação antirracista é uma ação liderada e orquestrada pelo movimento negro, porém ela não é uma responsabilidade única do mesmo. É imprescindível que a branquitude incorpore uma agenda antirracista dentro do seu dia a dia para uma transformação mais efetiva do Brasil, a fim de reduzir as desigualdades existentes e oriundas do racismo estrutural deste país.

Se durante muito tempo, o branco brasileiro se viu como padrão, como universal, sem precisar pensar nos estragos produzidos por sua raça, sem questionar seu maior acesso aos saberes e espaços de poder, sem ser confrontado em seus privilégios e heranças e sem ter a necessidade de observar a riqueza cultural existente nos seus outros pares raciais, é urgente afirmar que essa suposta superioridade inventada pelo branco tem sua paz abalada pelas mudanças que a sociedade moderna lhe impõe. Já passou da hora de caminharmos juntos em direção a um futuro com mais equidade, acessos e direitos para todos os grupos que compõem esta nação. Somente assim teremos êxito nesta jornada de combate ao racismo.

Independente de serem professores, pais, diretores, profissionais da limpeza, agentes educadores ou qualquer outro tipo de cidadão; pessoas brancas, de um modo geral, precisam se movimentar na busca por conhecimentos e soluções para combater e agregar possibilidades de estancar o racismo do nosso convívio. Não dá para aceitar, por exemplo, que um docente

diga ao seu diretor que não dá conta de promover uma educação antirracista na sua aula pelo fato de ser uma pessoa branca. Ele precisa se mexer também para solucionar essa inabilidade; seja adquirindo livros sobre o tema, se inscrevendo em cursos de letramento racial ou pesquisando e estudando por conta própria (importante frisar que não é sadio uma pessoa branca fazer de uma pessoa negra o seu Wikipédia sobre racismo toda vez que tiver dúvida sobre alguma questão relacionada ao tema).

A aquisição de um repertório mais robusto sobre a questão étnico-racial brasileira, possibilitará a pessoa branca adulta se tornar um agente direto de uma cultura antirracista; tornando-a apta a preparar melhor a criança na qual possui convivência, de maneira que ela relacione de forma mais saudável com o universo ao seu redor.

COMO UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA PODE AFETAR POSITIVAMENTE O DESENVOLVIMENTO DE UMA CRIANÇA BRANCA?

Partindo de uma nova construção social, que é decolonial e atrela letramento racial sob o ponto de vista da educação, podemos obter um resultado bastante satisfatório no desenvolvimento das próximas gerações de pessoas brancas no que se refere ao combate ao racismo no Brasil. A implementação de um sistema educacional mais plural e menos colonizador pode afetar positivamente na construção dessa branquitude do futuro, que estará disposta a confrontar a branquitude do passado, a fim de superar o seu racismo.

Para isso, se faz necessário que haja um trabalho consistente por parte dos educadores antirracistas em aprofundar e provocar a subjetividade branca e os conceitos ali nutridos do seu universo, que podem se desenvolver futuramente em movimentos racistas. Em linhas gerais, é sair da crítica estrutural ao euro-

centrismo do currículo e partir para uma nova ressignificação de valores e conceitos apreendidos no dia a dia, utilizando de práticas de ensino antirracistas.

Dotar a criança branca de aprendizagens oriundas de outras culturas, como a africana, a oriental e a indígena, a fará ter uma leitura mais ampliada do mundo e dos outros povos com a qual estabelece contato no seu dia a dia. Fazê-la perceber que, ao conhecer e conviver com a diversidade o seu mundo se torna mais "rico", a condicionará a, no futuro, não aceitar e questionar espaços que apresentem em sua estrutura e no seu pessoal apenas pessoas de um único grupo racial, ou uma porcentagem ínfima, a título de demonstrar representatividade na sua empresa.

O olhar e o intelecto de uma criança branca precisa ser educado desde cedo a pensar o mundo como um lugar construído por diversos outros olhares, de variadas etnias; na qual cada uma tem a sua parcela de contribuição, não somente uma detém a hegemonia de saberes e realizações, fazendo com que ela chegue ao entendimento de que é na diversidade que o povo evolui, e não o contrário. Uma só cultura, um só idioma, uma só identidade, apenas um grupo racial, por mais importante e universal que possa ser, não pode ser a única fonte de sabedoria e valores para os mais de 7 bilhões de habitantes no planeta Terra, é preciso que outros pontos de vista, outros conhecimentos existam para lidarmos da melhor maneira possível com as inúmeras situações e problemáticas que vamos nos deparar ao longo da nossa existência neste planeta.

A educação antirracista exercida de modo permanente e com metodologias práticas tem a possibilidade real de formar uma nova geração de pessoas brancas com caráter antirracista em nossa sociedade, o que multiplicará em muito os agentes desse fundamento, minando essa violência de forma substancial em nosso meio.



"QUE A SUPERAÇÃO DO RACISMO SEJA UM DEVER PÚBLICO, ÉTICO, CÍVICO E POLÍTICO E NÃO COMO ALGO A MAIS QUE EU ACRESCENTO A MIM MESMA E QUE ME TORNA UMA MELHOR CIDADÃ, OU ME TORNO UMA MELHOR CIDADÃO, NÃO, TEM QUE SER ALGO QUE É PARTE DE UM EXERCÍCIO PROFISSIONAL, COMO EDUCADOR E COMO EDUCADORA, É PARTE DE UM COMPROMISSO POLÍTICO COMO CIDADÃO E CIDADÃ NESTE PAÍS."²¹

NILMA LINO GOMES

21 - EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL: Formação de Professoras e Professores: Racismo e Branquitude. [Locução de]: Carolina Marcelino. Entrevistada: Nilma Lino Gomes e André Lázaro. São Paulo : Fundação Santillana, 1 mar. 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/zdb4Al3fveshgx005Jw4Th?si=84c2570ae9ga4916>. Acesso em: 10 mar. 2023.

DICAS



PARA LER



O PACTO DA BRANQUITUDE /
CIDA BENTO

Neste livro poderoso, Cida Bento — eleita em 2015 pela The Economist uma das cinquenta pessoas mais influentes do mundo no campo da diversidade — denuncia e questiona a uni-

versalidade da branquitude e suas consequências nocivas para qualquer alteração substantiva na hierarquia das relações sociais.



SULWE / LUPITA NYONG'O /
4 ANOS

O livro conta a história da protagonista Sulwe, que também dá nome à obra, e relata a infância de uma menina do leste africano e suas angústias por ter a pele escura. O objetivo da autora é

inspirar crianças a se sentirem confortáveis e se amarem em suas peles, passando a enxergar a sua verdadeira beleza.



PARA ASSISTIR



COLIN EM PRETO E BRANCO / AVA
DUVERNAY / 14 ANOS

Nesta série original da Netflix, o jogador de futebol americano Colin

Kaepernick relembra seus tempos de escola e fala sobre questões de raça, classe e cultura.



PARA OUVIR



HISTÓRIA PARA NINAR GENTE GRANDE /
ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA / LIVRE

Neste magistral samba-enredo, vencedor do Carnaval de 2019, a Estação Primeira de Mangueira propõe uma forma mais justa de contar a história do Brasil, valorizando pessoas que fazem parte de minorias e as colocando no lugar que merecem — de verdadeiros heróis brasileiros.



FILHOS DO ÓDIO / BARRY ALEXANDER BROWN / 16 ANOS

Contando com Spike Lee na produção executiva, o filme Filhos do Ódio conta a história real de Bob Zellner, um jovem branco, neto de um líder da Ku Klux Klan, que decide questionar o histórico de ódio onde nasceu e se tornar aliado da luta pelos direitos civis dos negros na década de 1960. Zellner se torna um importante porta-voz contra a segregação no sul dos Estados Unidos e se aproxima de vários revolucionários da luta antirracista como Rosa Parks e John Lewis.



08

RAÇA E GÊNERO: O ESPAÇO DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

*"Quando a mulher negra se
movimenta, toda a estrutura da
sociedade se movimenta com ela"²²*

Angela Davis

*Texto do capítulo: Mariana Carlos Alves - Professora da
Escola Municipal Visconde de Sepetiba, em São Gonçalo/RJ*

As mulheres negras são a base da pirâmide social do Brasil(país que foi um dos últimos a abolir a escravidão) imagine todo um país construído por mãos de mulheres pretas e pardas que historicamente tiveram uma trajetória de opressão e até os dias atuais lutam contra essa herança desigual.

A trajetória da mulher negra é marcada por diferentes formas de violência como racial e de gênero, tendo em vista a sociedade racista e patriarcal no qual as relações de poder preponderantes são as relações de domínio dos homens sobre as mulheres, sobretudo mulheres negras.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), publicou os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua 2022 o número de pessoas autodeclaradas negras (pretas e pardas) no Brasil é 56% da população. Uma maioria que não pode mais se calar frente ao racismo e discriminação de gênero em nossa sociedade.

Dessa forma, pensar a inserção da mulher negra no campo educacional exige um esforço contínuo, visto que num passado próximo as mulheres pretas e pardas foram condicionadas a posição de subserviência em todos os âmbitos da sociedade, ocupando espaços subalternizados desde os tempos coloniais como por exemplo a função das mucamas e amas de leite.

No dia 25 de Julho é comemorado o Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha, nesta mesma data no Brasil por meio da Lei nº 12.987, é celebrado o Dia Nacional de Tereza de Benguela, símbolo de resistência e liderança a frente do Quilombo de Quariterê durante o século XXIII.

É hora de resgatar a memória, identidade, história, saberes tradicionais da população negra brasileira, e começarmos a ocupar nosso espaço na diferentes esferas da sociedade: política, economia, educação, saúde. Norma-

tizar a mulher preta em posição de destaque, não somente sendo a empregada doméstica, cozinheira, babá, passadeira, mas agora a professora, médica, juíza, a dona das suas próprias escolhas.

A escola é uma instituição fundamental para formação do cidadão crítico, o primeiro espaço de socialização das crianças fora do seio familiar. Por meio da educação podemos promover ações de conscientização a cerca da equidade de gênero, ou seja, a garantia de direitos iguais entre homens e mulheres. Visando eliminar o assédio, discriminação, as diferenças salariais, a fim de que tenham acesso as mesmas oportunidades que os homens.

O papel dos professores como mediadores dos conhecimentos que atravessam a sala de aula, é extremamente necessário nesse processo de empoderamento feminino e luta contra o racismo. Promover debates entre os estudantes sobre o tema, propor confecção de cartazes, oficinas e workshops, sessão de cine debate, utilizar músicas como recurso didático, são caminhos que podemos utilizar para inserir essas temáticas na escola.

**PARA DENUNCIAR E BUSCAR AJUDA
A VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA CONTRA
MULHER, LIGUE 180**

DICAS



PARA LER

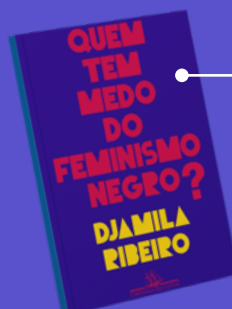


LEI Nº 12.987

No Brasil, em 2 de junho de 2014, foi instituído por meio da Lei nº 12.987, o dia 25 de julho como o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra



A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA



QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO NEGRO ?



PARA ASSISTIR



ANGELA DAVIS AO VIVO - "ATRAVES-
SANDO O TEMPO E CONSTRUINDO O
FUTURO DA LUTA CONTRA O RACISMO"



CAMINHOS DA REPORTAGEM |
CAROLINA MARIA DE JESUS,
A ESCRITORA ALÉM DO TEMPO.



PARA OUVIR



MARIA DA VILA MATILDE - ELZA SOARES



CIDADE NEGRA - MUCAMA

MENINA PRETINHA / MC
SOFFIA / LIVRE

Na letra da canção, lançada quando Soffia tinha apenas 12 anos, a abordagem sobre autoaceitação e representatividade negra positiva se faz presente, dando o tom do seu trabalho musical, que visa combater o racismo e empoderar as meninas pretas.



RUN THE WORLD (GIRLS) LEGENDADO - BEYONCÉ





09

COMO A ESCOLA DEVE AGIR EM
CASOS DE RACISMO?

Primeiramente é preciso deixar escurecido que a escola não pode silenciar ante a nenhuma ocorrência de racismo que ocorra em seu ambiente, quer seja com um aluno, quer seja com um funcionário, do professor ao profissional da limpeza todos precisam ser respeitados. É necessário uma intervenção à altura para a erradicação de fato dessa opressão.

A resposta encontrada pela escola de Brasília para resolver o caso de racismo do bombril entregue como presente para a professora foi insuficiente (somente conversar com o aluno e fazê-lo pedir desculpas foi muito pouco, dada a gravidade da situação), e nem de longe trouxe garantias de que a questão foi resolvida. Uma violência dessa natureza requer uma ação muito mais contundente e efetiva do que a que foi realizada.

Agora, antes de elencar as ações que podem ser tomadas em casos de racismo na escola, é indispensável que o estabelecimento de ensino, a partir do seu gestor e corpo docente, se auto avalie, se olhe, no sentido de entender qual é a sua parcela de responsabilidade diante da ocorrência daquele ato, antes de tomar qualquer providência. Será que a escola cumpre bem o seu papel antirracista? Será que ela consegue explicitar nas diversas linguagens possíveis de sua estrutura o seu caráter de ser uma escola antirracista? Será que ela está promovendo um ensino antirracista de forma sistemática, preventiva e contínuo? Será que o seu educador, durante a aula, contempla a questão étnico-racial de forma positiva em sua disciplina, seja ela qual for? Enfim, a real dos fatos é que não dá para responsabilizar somente o aluno ou a sua família se quem também é responsável por sua formação não faz um trabalho consistente com vistas a erradicar o mal do racismo em seu espaço. Todos precisam assumir a sua responsabilidade neste processo, não dá para se esquivar diante de uma questão gigantescamente nociva como essa. Por isso, se faz vital dizer que nenhum dos outros procedimentos a serem listados aqui, a título de “solucionar” os casos de racismo escolar, terão resultado positivo se a escola não exerce um

trabalho categórico na sua rotina, será mero paliativo com poucas chances de eficácia. Dito isso, eis aqui algumas possibilidades de ações que uma escola que já faz um trabalho antirracista pode tomar diante de uma ocorrência dessa gravidade:

Convocar os responsáveis do jovem e conversar sobre a gravidade do ato cometido pelo aluno, buscando sensibilizar estes responsáveis de que os mesmos devem reforçar o repúdio daquele movimento feito pelo estudante. Importante também dialogar de forma harmoniosa com seus tutores, visto que, em muita das vezes, tal movimento racista do aluno é aprendido e reproduzido a partir do seu seio familiar ou do seu entorno local, e que eles precisam estar atentos para que o adolescente não absorva esse discurso.

Conversar com o agressor sobre o caso, fazendo-o entender que tal atitude é veementemente rechaçada em nossa sociedade, e que, se ocorrer fora do ambiente escolar, será considerado crime, sendo passível de julgamento e condenação. Caso o agressor seja um reincidente ou demonstre conscientemente de que não vê nada de errado no ato cometido, a escola precisará realizar, durante um período maior, mais conversas e ações acerca do assunto, a fim de sensibilizar o aluno da gravidade que é cometer um ato de racismo.

A escola precisa acolher a vítima, oferecendo-lhe todo o suporte e afeto necessário. A escola também precisa ouvi-la, deixando explícito a mesma que tem ciência da gravidade do ato cometido e que a instituição está disposta a promover ou reforçar as suas ações no sentido de combater o racismo em seu espaço, de maneira contínua e ao longo de todo o ano letivo.

No caso da vítima ser um aluno, se faz necessário também convocar os seus responsáveis, demonstrando que a escola está ciente da situação e que repudia tal ocorrência em seu espaço, e que ações efetivas serão tomadas. Confortar a família e expressar sensibilidade à questão é essencial, assim como tentar juntar todos os envolvidos a fim de mediar de forma coletiva uma sanção para o agressor.

A questão da formação continuada também é um fator muito importante a ser destacado neste processo. de como combater o racismo na escola, pois, ao longo do tempo, o racismo vai se reinventando e assumindo novas nuances na sua ocorrência, logo, o educador também deve se movimentar, no sentido de sempre buscar conhecer novas informações e práticas docentes positivas que possam contribuir nesse quesito de prevenção e letramento racial. Portanto, sempre que possível, invista algum momento de seu tempo livre para participar de oficinas, cursos, debates, lives, exposições, saraus, seminários, rodas de conversa e eventos que tenham como foco essa questão antirracista, pois, com certeza servirá de grande valia para aumentar o seu repertório e qualificar a sua abordagem dentro do universo escolar no que diz respeito a educação antirracista.

DICAS



PARA LER

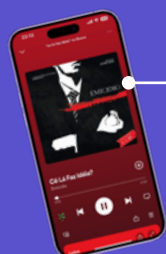


AMORAS / EMICIDA / 5 ANOS

Através de uma conversa entre uma menina negra e seu pai, são apresentados os elementos das culturas africanas presentes no Brasil, além de figuras importantes da luta dos afrodescendentes no continente americano.



PARA OUVIR



CÊ LÁ FAZ IDEIA / EMICIDA / 16 ANOS

Mostrando desconforto com a não evolução da sociedade, Emicida apresenta uma perspectiva do jovem negro brasileiro, atravessado a todo momento pelo racismo.





10

COMO SER UM EDUCADOR ANTIRRACISTA NA PRÁTICA

"Amelinha Teles, memorável feminista brasileira, em seu livro Breve história do feminismo no Brasil, afirma que ser feminista é assumir uma postura incômoda. Eu diria que ser antirracista também. É estar sempre atento às nossas próprias atitudes e disposto a enxergar privilégios. Isso significa muitas vezes ser taxado de "o chato", "aquele que não vira o disco".

RIBEIRO, 2019, pág.39

Não existe ciência exata para ser um educador antirracista. Cada docente, a partir do seu olhar e da sua vivência pode construir uma nova metodologia de ensino que contribua grandemente para a causa. Dentro desse raciocínio, posso dizer que o melhor caminho para esse fim é a busca constante por adquirir cada vez mais conhecimentos e experiências do assunto, no entanto, a vivência diária como pessoa negra e a prática também diária como educador negro, ao longo de muitos anos, me trouxeram leituras, ideias e ensinamentos que compartilharei aqui como contribuição para este movimento tão imprescindível que é a educação antirracista. **Vamos lá:**

01

Descolonize o seu pensamento e olhar eurocêntrico ao qual nossa sociedade sempre pautou como padrão para o ensino, busque trazer na sua prática docente a contribuição dos povos originários e africanos, a fim de dar uma veracidade maior aos conteúdos estudados.

02

Não minimize nenhuma manifestação de incômodo ou queixa que um aluno negro ou indígena lhe fizer. O acolhimento é fundamental na redução dos danos causados por um ato racista;

03

Converse e oriente o seu aluno sobre como agir em casos de racismo, seja no ambiente escolar ou fora dele.

04

Proponha atividades com diversidade étnica, mostre para o seu aluno a riqueza de competências que os povos africanos e indígenas oferecem como conhecimento e prática a partir de suas respectivas culturas.

05

Toda disciplina pode ser trabalhada sob uma perspectiva antirracista. Se no ensino de História, Língua Portuguesa e Literatura há uma abundância de instrumentos pedagógicos e nomes importantes que podem ser

06

Procure alinhar, junto a comunidade escolar, a temática da educação antirracista dentro do Projeto Político Pedagógico da escola, buscando sempre trabalhá-lo de acordo com o contexto da unidade e seu entorno.

07

Mostre para o seu aluno que pessoas negras foram muito importantes para a construção da intelectualidade deste país no mundo. Nomes como Milton Santos, Machado de Assis, Conceição Evaristo, Luiz Gama, Abdias Nascimento e Carolina Maria de Jesus, dentre outros, deram uma contribuição enorme em vários setores da nossa sociedade, fortalecendo novas ciências, reflexões, valores e ensinamentos para a vida.

08

Valorize os saberes e conteúdos que não são acadêmicos na sua prática de ensino. Explore as manifestações negras e indígenas neste sentido. Elabore atividades que utilizem o funk, o jongo, o cateretê, a capoeira, o maracatu, a dança do toré e o samba como propostas que enriqueçam a sua aula e o repertório de mundo do seu aluno.

09

Mostre para o seu educando, seja com exemplos, debates ou perguntas, que uma atitude racista é grave e não merece nenhum tipo de aprovação por parte de ninguém da nossa sociedade, sendo considerado crime passível de punição perante a lei, quando ocorrido fora do ambiente escolar.

10

Trabalhe os conceitos de educação antirracista ao longo do ano letivo, sem viés folclórico e não apenas nos meses de Maio e Novembro, deixando claro para o seu discente, a importância do tema na sua formação.

11

Respeite a faixa etária do seu aluno, não aprofundando todas as problemáticas que o racismo envolve, mas de acordo com o seu ciclo educacional, deixe claro para ele que vivemos num país com uma vasta diversidade étnica e que “não somos todos iguais”, assim como, durante muito tempo, um determinado grupo racial foi mais privilegiado que o outro em nossa sociedade.

12

Não se comunique com o seu aluno utilizando termos como “moreninha, mulatinha, neguinho, indiozinho” ou qualquer outra expressão que faça alusão a sua cor/raça. Socialize a sua comunicação com ele sempre que possível pelo seu nome de identificação, a fim de demonstrar respeito e apreço a sua individualidade.

13

Diversifique o protagonismo racial nas atividades propostas em grupo. Faça com que o aluno branco entenda que em muitas narrativas, ele não pode ou deve ser o único com estima social a exercer o protagonismo daquela história.

14

Não deixe o racismo religioso ter vez no ambiente escolar. Escureça sempre para os alunos que vivemos num estado laico e que é de suma importância respeitar a crença do outro.

15

Não tenha cerimônia ou receio em apontar uma situação racista ocorrida em sala de aula. Faça desse ocorrido um momento de reflexão com a turma, elencando a gravidade do ato e demonstrando o quão importante é que ele não ocorra nunca mais, seja na escola ou em qualquer outro lugar em que o aluno esteja.

16

Racismo reverso, mi-mi-mi e vitimização são tecnologias discursivas recentes na fala de uma parcela da população. Esses termos fazem parte da evolução do racismo em nossa sociedade e representam um raciocínio que não leva em consideração a herança escravocrata e racista que fundamentou a sociedade brasileira, desde a chegada dos portugueses por essas terras, configurando assim, um desserviço na luta por uma sociedade antirracista. É um mecanismo de oratória que deve ser repellido do universo escolar e do dia a dia.

17

Como educador que almeja o antirracismo na sua prática, não reproduza discurso ou ideias racistas; nem na sua rotina, muito menos na escola. Termos depreciativos como “índio”, “cabelo duro”, “denegrir”, “Nhaca” ou expressões como “preto de alma branca”, “inveja branca”, “a coisa tá preta”, “samba do crioulo doido”, “da cor do pecado”, dentre outras, não podem fazer parte do vocabulário de um educador que se diz antirracista. Embora a nossa construção social anterior tenha nos levado a proferir tais ideias, é urgente que as deixemos no passado.

18

Pontue ao gestor da sua unidade escolar a necessidade de haver material literário afrocentrado e indígena atualizado, é fundamental que alunos e professores tenham acesso a esse tipo de conteúdo para produzir atividades e enriquecer o conhecimento acerca do tema.

19

Assuma o compromisso público, político, moral e irrefutável de combater o racismo em todas as suas instâncias, independente de qualquer questão, não se omita nunca.

20

Procure, sempre que presente nas reuniões de responsáveis abordar as questões das leis 10.639 e 11.645, elencando situações que possam promover uma educação antirracista aos familiares também, orientando os mesmos para que não propaguem o racismo em seus lares, nem incutam tais pensamentos na mente de seus filhos.

21

Não proponha atividades antirracistas somente com viés de avaliação e correção. Busque, junto ao aluno, uma abordagem que seja educativa, reflexiva e natural ao processo de aprendizagem, sem caráter de dar nota ou avaliar criticamente, fazendo com que o conteúdo antirracista não seja ensinado a “forceps” para o estudante.

22

Nunca, em nenhum momento, de forma alguma, em hipótese nenhuma, e por mais profundidade que você possa ter tido nos seus estudos e nos conhecimentos adquiridos do que é ser um educador antirracista, pense ou ache que você, educador antirracista, já está livre ou isento de manifestar algum comportamento ou atitude racista. O racismo está enraizado em nossa sociedade e pode ser proferido por qualquer um de nós, ele não acaba se você parar de falar dele, pelo contrário, somente o combate sistêmico pode fazer o racismo não ter vez em nosso meio, portanto, tenha em mente, que a qualquer descuido você pode ser um agente do racismo. Cuidado! Fique atento sempre!

[...] A REPRESENTATIVIDADE É IMPORTANTE: ONDE A GENTE NÃO SE VÊ, A GENTE NÃO SE PENSA, NÃO SE PROJETA.

(CARINE, 2023, PÁG. 20)

PARA INSPIRAR



Atividade proposta pela professora Tatiana Cardoso de Souza, que através da música "O meu cabelo é bem bonito" trabalhou respeito e identidade com as crianças de sua turma, da Escola Municipal Cantor e Compositor Gonzaguinha, na Penha - Rio de Janeiro.



Títulos trabalhados com as crianças:



DICAS



PARA LER

PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA / DJAMILA RIBEIRO



Neste pequeno manual, a filósofa e ativista Djamila Ribeiro trata de temas da atualidade como racismo, negritude, branquitude, violência racial, cultura, desejos e afetos. Em onze capítulos curtos e contundentes, a autora apresenta caminhos de reflexão para aqueles que queiram aprofundar sua percepção sobre discriminações racistas estruturais e assumir a responsabilidade pela transformação do estado das coisas. Já há muitos anos se solidifica a percepção de que o racismo está arraigado em nossa sociedade, criando desigualdades e abismos sociais: trata-se de um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato de vontade de um sujeito. Reconhecer as raízes e o impacto do racismo pode ser paralisante. Afinal, como enfrentar um monstro desse tamanho? Djamila Ribeiro argumenta que a prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas. E mais ainda: é uma luta de todas e todos.

RACISMO ESTRUTURAL / SILVIO DE ALMEIDA



Com o livro *Racismo Estrutural*, o advogado, filósofo e professor Silvio Almeida apresenta dados estatísticos e discute a estrutura social, política e econômica da sociedade brasileira. Leitura fundamental para iniciar os estudos sobre o tema, a publicação integra a coleção *Feminismos Plurais*, da filósofa Djamila Ribeiro, e ajuda a compreender como a discriminação é estruturada e naturalizada no Brasil.

COMO SER UM EDUCADOR ANTIRRACISTA / BÁRBARA CARINE



Em *Como ser um educador antirracista*, Bárbara Carine, conhecida nas redes como “uma intelectual diferentona”, discute sobre como a educação e a escola podem ser pensadas a partir de perspectivas não ocidentalizadas e, sobretudo, racializadas.

A autora esmiúça conceitos ligados à luta antirracista, como pacto da branquitude, racismo estrutural, cotas raciais e educação emancipatória, para (re)pensar as ações pedagógicas e a formação e o papel dos educadores, que são, afinal, todos nós, os “doadores de memórias” que integram a escola.

Longe de ser um manual com fórmulas prontas, o livro, resultado de anos de experiência da autora como educadora e idealizadora da Escola Maria Felipa, primeira escola afro-brasileira registrada em uma Secretaria de Educação no Brasil, faz um convite aberto para o leitor conhecer e desenvolver práticas antirracistas em sala de aula e na vida.



IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO / AILTON KRENAK

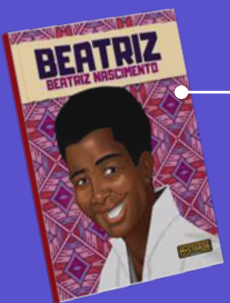
Neste livro, o líder indígena critica a ideia de humanidade como algo separado da natureza, uma "humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô".

Essa premissa estaria na origem do desastre socioambiental de nossa era, o chamado Antropoceno. Daí que a resistência indígena se dê pela não aceitação da ideia de que somos todos iguais. Somente o reconhecimento da diversidade e a recusa da ideia do humano como superior aos demais seres podem ressignificar nossas existências e refrear nossa marcha insensata em direção ao abismo.



NA MINHA PELE / LÁZARO RAMOS

Movido pelo desejo de viver num mundo em que a pluralidade cultural, racial, étnica e social seja vista como um valor positivo, e não uma ameaça, Lázaro Ramos divide com o leitor suas reflexões sobre temas como ações afirmativas, gênero, família, empoderamento, afetividade e discriminação. Ainda que não seja uma biografia, em Na Minha Pele, Lázaro compartilha episódios íntimos de sua vida e também suas dúvidas, descobertas e conquistas. Ao rejeitar qualquer tipo de segregação ou radicalismos, Lázaro nos fala da importância do diálogo. Não se pode abraçar a diferença pela diferença, mas lutar pela sua aceitação num mundo ainda tão cheio de preconceitos. Um livro sincero e revelador, que propõe uma mudança de conduta e nos convoca a ser mais vigilantes e atentos ao outro.



COLEÇÃO BLACK POWER

Coletânea de livros que foca em personagens negros reais da História do Brasil e do mundo.



SOBREVIVENDO AO RACISMO / LUANA TOLENTINO

Por meio de cartas e crônicas, Luana Tolentino faz um registro, que sente na própria pele, do cotidiano da população negra deste país, muitas vezes marcado pela exclusão, pela negação de direitos e pela violência. Nesse livro, estão presentes memórias da menina Luana, assim como o olhar da educadora e da ativista da luta antirracista que a autora se tornou. Ao longo das páginas, ela descreve cenas de um Brasil que insiste em manter vivo o passado escravocrata nas relações pessoais e no funcionamento das instituições, de maneira destacada, nas escolas. Trata-se de um registro pessoal do passado e do presente, com o objetivo de construir um futuro sem racismo, pautado na justiça e na democracia.



PARA ASSISTIR



14 ANOS / ESCRITORES DA LIBERDADE / RICHARD LAGRAVENESE

Uma jovem e idealista professora chega a uma escola de um bairro pobre, que está corrompida pela agressividade e violência. Os alunos se mostram rebeldes e sem vontade de aprender, e há entre eles uma constante tensão racial. Assim, para fazer com que os alunos aprendam e também falem mais de suas complicadas vidas, a professora Gruwell aposta em métodos diferentes de ensino. Aos poucos, os alunos vão retomando a confiança em si mesmos, aceitando mais o conhecimento e reconhecendo valores.



MEU NOME É MAALUM / EDUARDO LURNEL E MAGNA DOMINGUES / 7 ANOS

Uma jovem e idealista professora chega a uma escola de um bairro pobre, que está corrompida pela agressividade e violência. Os alunos se mostram rebeldes e sem vontade de aprender, e há entre eles uma constante tensão racial. Assim, para fazer com que os alunos aprendam e também falem mais de suas complicadas vidas, a professora Gruwell aposta em métodos diferentes de ensino. Aos poucos, os alunos vão retomando a confiança em si mesmos, aceitando mais o conhecimento e reconhecendo valores.



PARA OUVIR



PROJETO QUERINO / TIAGO ROGERO E RÁDIO NOVELO

Um podcast para entender como a História explica o Brasil de hoje, sem medo de botar o dedo na ferida das elites e de apontar responsabilidades.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ALMEIDA, Sílvio. Racismo estrutural. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BERTH, Joice. Empoderamento. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.
- CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- EVARISTO, Conceição. Olhos D'água. Rio de Janeiro: Pallas, 2016
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019
- KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LOPES, Nei. Partido-alto: Samba de Bamba. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.
- LINS, Paulo. Desde que o samba é samba. São Paulo: Planeta, 2012.
- MOREIRA, Adilson. Racismo Recreativo. São Paulo: Pólen, 2019. Coleção Feminismo Plurais
- Munanga, Kabengele. Superando o Racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- NOGUEIRA, Sidnei. Intolerância religiosa. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- PINHEIRO, Bárbara.C.S. Como ser um educador antirracista. São Paulo. Planeta Brasil, 2023.
- RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. Almanaque pedagógico afro-brasileiro. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.
- RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.
- SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- WILLIAM, Rodney. Apropriação Cultural. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- WOODSON, Carter G. A deseducação do negro. São Paulo: Edipro, 2021.





ISBN 978-65-980984-3-8



9 786598 098438